

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Nazismo Tropical? Conflitos raciais e especificidades regionais¹

Ana Maria Dietrich

“Eles preservaram fora do país a sua raça pura e evitaram se miscigenar com a população local.”

Der Auslandsdeutsche, jan. 1937.

Sobre a “preservação da raça” dos alemães no Espírito Santo.²

Acompanhando-se a formação dos círculos, grupos locais e pontos de apoio do partido nazista no Brasil, percebemos que, embora a presença expressiva do partido nos estados sulinos, onde havia maior representação de alemães, os primeiros grupos do partido se situavam também nos estados do Nordeste — caso da Bahia e Pernambuco, com maior número de integrantes — e no Norte, caso do Pará. Em termos numéricos, apesar de em menor proporção em comparação com os estados do Sudeste e do Sul, não podemos desconsiderar a presença de 40 partidários na região Nordeste e 54 na região Centro-Oeste. Isto é pouco representativo se comparado com os principais núcleos (Sudeste, com 1339 partidários, e Sul, com 1152), porém, eles se articularam com a comunidade alemã local, marcando presença em clubes, firmas e jornais.

O partido nazista estava presente em 17 estados brasileiros. Uma presença expressiva e com números proporcionais à comunidade alemã estabelecida em cada um destes estados. Mesmo que a historiografia brasileira tenha se concentrado em estudos relativos à colônia alemã no Sul do Brasil, havia grupos germânicos por todo o País, com números significativos nos estados do Pernambuco, Mato Grosso, Goiás, Pará e Bahia. Tais grupos, a exemplo do que acontecia na região sulina brasileira, também tiveram seus representantes

¹ Adaptação do capítulo 3 da tese de doutorado de minha autoria. DIETRICH, Ana Maria, *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. São Paulo: NEHO/FFLCH, Universidade de São Paulo, 2007. Orientação: José Carlos Sebe Bom Meihy.

² *“Sie haben draußen ihre Rasse rein gehalten und jede Vermischung mit der eingeborenen Bevölkerung unterlassen”*. *Der Auslandsdeutsche* jan. 1937, p. 32. *FFLCH/UFPA*.

ligados ao governo nazista e estabeleceram grupos regionais do partido ou pontos de apoio. Também comemoravam as datas festivas do III Reich, organizavam-se em clubes, escolas e publicavam jornais em língua alemã. As tabelas relacionadas acima mostram a proporção equivalente entre o número de alemães de cada estado e o número de partidários, a preponderância numérica dos grupos do partido do Sul e Sudeste e a presença, mesmo em menor proporção, do partido em estados do Centro-Oeste, do Norte e do Nordeste:

Número de filiados / número de alemães no Brasil³(1930/ 1940)

São Paulo	785	33.397
Santa Catarina	528	11.291
Rio de Janeiro	447	11.519
Rio Grande do Sul	439	15.279
Paraná	185	12.343
Minas Gerais	66	2.000
Pernambuco	43	672
Espírito Santo	41	623
Bahia	39	542
Mato Grosso	31	426
Pará	27	186
Goiás	23	284
Paraíba	21	115
Ceará	4	140
Amazonas	4	64
Sergipe	1	47
Alagoas	1	45
Rio Grande do Norte	-	35
Acre	-	22
Maranhão	-	21
Piauí	-	20
Sem informação de local	137	-
TOTAL	2.822⁴	89.071⁵

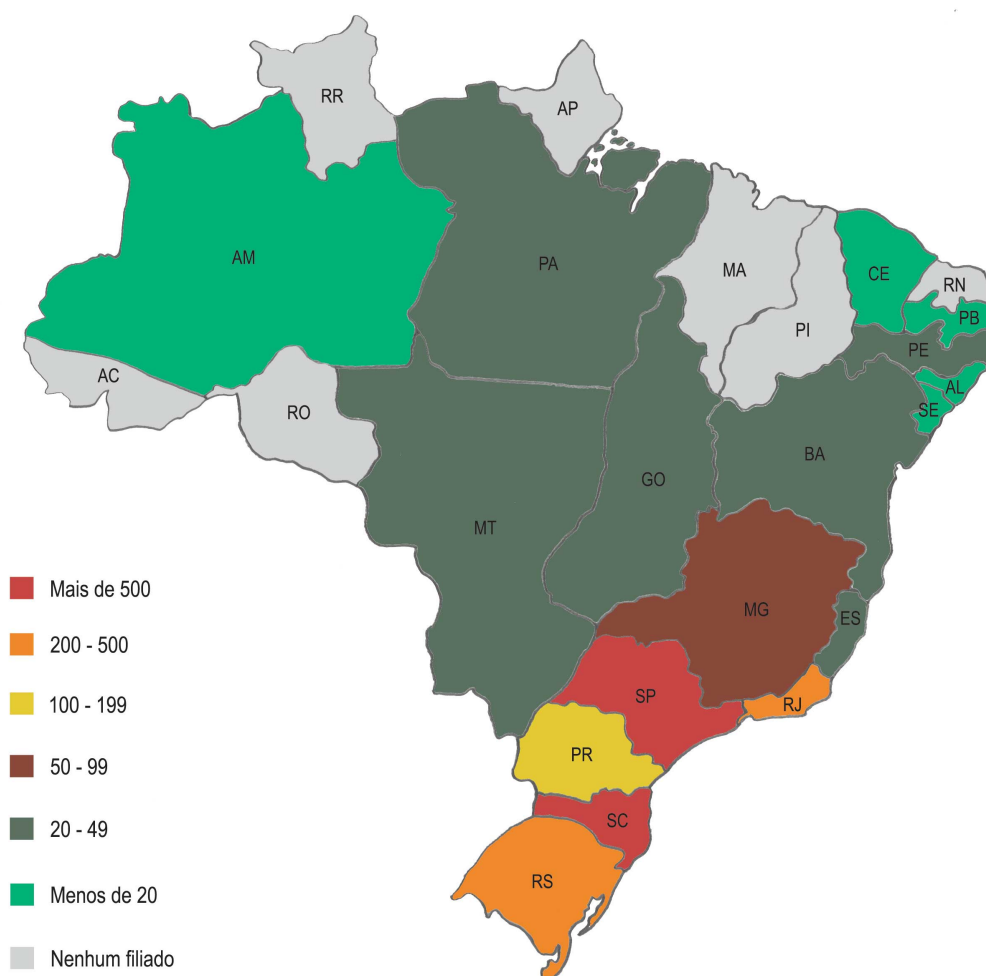
³ Não são considerados os teuto-brasileiros.

⁴ MORAES, Luís Edmundo, Op. Cit. nota 39. No Doutorado, o autor trabalha com o número de 2.900.

⁵ MORAES, Luís Edmundo, Op. Cit. nota 39, p. 16.

Número de filiados / alemães por região do Brasil (1930/ 1940)

Sudeste		
São Paulo	785	33.397
Rio de Janeiro	447	9475
Minas Gerais	66	2095
Espírito Santo	41	623
Total	1339	45590
Sul		
Santa Catarina	528	11.291
Rio Grande do Sul	439	15.279
Paraná	185	12.343
Total	1152	38913
Nordeste		
Pernambuco	43	672
Bahia	39	542
Sergipe	1	47
Alagoas	1	45
Paraíba	21	115
Ceará	4	140
Total	109	1561
Norte		
Pará	27	186
Amazonas	4	64
Total	31	250
Centro-Oeste		
Goiás	23	284
Mato Grosso	31	426
Total	54	710
Sem informação de local	137	-



3.1. Mapa do Brasil com indicação dos filiados ao partido nazista por estados.
Arte: Andréia Moriz

Os estados do Sudeste contabilizavam o maior número de partidários e alemães de nascimento, seguidos pelos estados do Sul, que apesar de possuírem a maior colônia de descendentes, perdia em número de germânicos possuidores da cidadania, condição que poderia ser observada principalmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Mesmo assim, os grupos do partido no Sul também eram bastante expressivos. No Nordeste, os grupos regionais de maior contingente eram a Bahia e Pernambuco, seguidos de grupos menores. No Norte, destaca-se o Pará. No Centro-Oeste, apenas Goiás e Mato Grosso tinham alguma representatividade.

Esses números não incluíram a parcela flutuante de partidários, ou seja, os alemães da agremiação que não faziam parte dos quadros do partido do grupo do Brasil, mas que faziam viagens e expedições às terras brasileiras com fins etnográficos e de observação.

Por exemplo, apesar do grupo de partidários ser formado apenas por quatro pessoas no Amazonas, houve uma expedição nazista liderada pelo geólogo e piloto alemão Otto Schulz-Kampfhenkel, que durou de 1935 a 1937, para fazer um reconhecimento da fauna e da flora da Amazônia.

Várias foram as viagens dos dirigíveis alemães ao Brasil. Em outubro de 1935, por exemplo, o então prefeito de Frankfurt am Main (Alemanha), Friederich Kreps, voou para o Brasil a bordo de um dirigível. O objetivo era visitar a América do Sul, em especial, o Rio de Janeiro. Na viagem, o prefeito teria levado 50 garrafas do mais puro vinho e a nova bandeira do Reich. Após a viagem, Krebs enviou cartas de agradecimento à hospitalidade dos brasileiros e alemães que encontrou.⁶

A imagem do paraíso tropical perpassou os relatórios de viagem produzidos por diplomatas, partidários e funcionários do III Reich. Ela é representativa do olhar do colonizador sobre o Brasil. Nas fotos que circulavam na Alemanha e dentre a colônia alemã no Brasil eram recorrentes as imagens de palmeiras, matas, cabanas, enfim, a imagem de um país pobre, rural e tropical. Desejava-se retratar, principalmente, a precariedade dos alemães estabelecidos no Brasil, o lado exótico da fauna e flora, a população local e a queima da mata. Das cidades brasileiras, a escolhida como cartão-postal era o Rio de Janeiro. Associações como a *Jugend-Gemeinschafts-Siedlung Heimat* (Fundação jovem de colonização da pátria) procuravam divulgar a idéia, por intermédio da propaganda, que elas iriam auxiliar o imigrante a “desbravar esta selvagem floresta brasileira”.⁷ Transmitiu-se, então, uma imagem bastante negativa do Brasil associada à idéia de barbárie, mas que não impediu a emigração de 238 mil alemães para o Brasil, de 1884 a 1933.⁸

Ao traçar a história do partido nazista no Brasil em seus diferentes núcleos regionais, foram analisadas algumas questões. A primeira é a dimensão do Brasil aliado as suas diferenças regionais. Instalar um partido no Pará, próximo à selva Amazônica, no litoral de Recife e entre as colônias agrícolas alemãs de Santa Catarina, só para citar três exemplos, tem uma grande diferença, tanto de clima, como de costumes, de hábitos, de conjuntura política e de economia local. A história do partido foi marcada por tais peculiaridades que aqui serão interpretadas como as múltiplas formas de tropicalizações do nazismo.

Tais diferenças foram analisadas sob a perspectiva dos próprios partidários ou representantes do povo alemão, uma vez que os documentos foram produzidos por eles.

⁶ *Magistratsakten* - 47/69. *Signatur* 5318. *Dienstreisen des Herrn Oberbürgermeisters*. 1115/10a, 1935-1938. *Staat/F, Alemanha*.

⁷ Ata 127503. AA/B, Alemanha.

⁸ KUNDT, Ernst. *Auslandsorganisation der NSDAP*. Bonn, 21 jun. 1965. Ata R127875. AA/B, Alemanha.

Pretendeu-se, assim, recuperar a visão e vivência destes alemães a respeito do território brasileiro, desnudando o olhar sobre o “país tropical” — considerado ora como um País de Hospedagem (*Gastland*), ora como uma colônia da Alemanha, sempre sendo comparado com a Pátria Mãe (*Heimat*) e enfatizadas as diferenças. Nesses documentos foram ressaltados aspectos como o estabelecimento das colônias “em meio à selva” e a resistência “nativista”⁹ ao *Deutschtum* (espírito de ser alemão).

As lideranças partidárias e os membros dos consulados e da embaixada preocupavam-se em mostrar ao Reich o “desvendamento” dessa realidade para eles tão “obtusa” e “estranha”, fornecendo inúmeros detalhes sobre as regiões, como o tipo de agricultura que era praticada e dados sobre a economia, movimentos políticos e número de habitantes. Quanto maior fosse o conhecimento destas realidades singulares ao olhar europeu alemão, melhor seria para o governo do Reich fortalecer suas instituições em solo estrangeiro, principalmente o partido nazista.

A propaganda nacional-socialista reforçava a idéia de que os alemães residentes no exterior deveriam oferecer uma espécie de *sacrifício* à Pátria Mãe para que acontecesse, também no estrangeiro, algo similar ao processo que a Alemanha tinha passado. Segundo tal propaganda, teria havido um “despertar da primavera”, no qual a Alemanha, pela ascensão do nacional-socialismo, superou uma profunda crise econômica e política e “renasceu da noite escura”.

A Alemanha, neste momento, voltou seus olhos para o desenvolvimento do *nazismo tropical* nestas áreas caracterizadas como “colônias” e terras “nativas”. De norte a sul, o interior do Brasil foi descrito como uma grande selva, e os alemães, corajosos aventureiros. Segundo a propaganda, o nacional-socialismo — por meio de seus representantes — procurava alcançar cada colono alemão, mesmo aquele que morasse na mais distante picada de mato. Esta é a primeira grande semelhança entre os estados brasileiros que percebemos nas descrições dos documentos relativos aos grupos do partido nazista espalhados pelo Brasil: seja no meio da floresta amazônica ou nos pampas gaúchos, eles estavam instalados — ao olhar destes alemães — “em meio a um país tropical”.

O Brasil nos anos 1930 era predominantemente rural: dos 30 milhões de residentes, 75% moravam no campo, portanto, muitos grupos locais e pontos de apoio do partido foram estabelecidos em colônias rurais. Tais imigrantes alemães que se adentraram no interior do Brasil rural, tiveram que construir, de maneira precária, as próprias residências e

9

Os alemães classificavam de maneira pejorativa, de “nativismo”, o sentimento nacionalista brasileiro.

plantar seu alimento, o sustento de suas famílias. Este “pioneirismo” era constantemente ressaltado nos relatórios como um aspecto positivo, mas ao mesmo tempo associado à idéia de perigo desta condição de “desbravadores”. Isto era uma grande preocupação para a Alemanha.

Como o maior grupo de partidários fora da Alemanha, a expressividade do partido nazista no Brasil não passou despercebida pelas autoridades nacional-socialistas. O enviado da Alemanha Schmidt-Elskop, por exemplo, descreveu a situação da seguinte maneira: “Em nenhum lugar nas terras do além-mar vivem alemães e descendentes em tal número em colônias fechadas como no Sul do Brasil”.¹⁰

A maioria destes alemães se mantinha fiel à terra de seus antepassados, mesmo vivendo em vilas em meio à mata, “distantes dias a cavalo ou a carro”. Aqueles que já estavam no Brasil há cinco ou seis gerações haviam “germanizado” a língua portuguesa ou “abrasileirado” a alemã. Por exemplo, palavras como “Schacker” (chácara) e “Kabocler” (caboclo) não existiam na língua alemã e eram adaptações criadas pelos imigrantes e descendentes estabelecidos no Brasil. Ao contrário do pensamento vigente na época, que acreditava que os alemães viviam em guetos fechados; étnica e socialmente, houve um processo de interação com a sociedade brasileira em diferentes escalas. Isto fez com que mesmo a língua, considerada um dos elementos de manutenção da cultura alemã, se transformasse em contato com a sociedade brasileira.

Pelo conceito de tropicalização, no entanto, percebe-se que o uso da língua alemã no Brasil não impediu que ela se transformasse e, diferentemente da oficial utilizada na Alemanha, se tornasse não apenas uma língua germânica, mas *uma língua alemã falada no Brasil com seus abrasileiramentos, sotaques e dialetos*.

Mas como atestou Seyferth, estes abrasileiramentos da língua alemã não foram suficientes ao Estado Novo que queria somente uma língua nacional que expressaria um único sentimento de brasilidade: o português. Neste sentido, foi implementada a campanha de nacionalização, principalmente após 1939, que atingiu as áreas coloniais. As consequências foram fortes tanto no ensino, com a substituição de professores estrangeiros pelos “nacionais”, quanto na imprensa, com a censura a jornais étnicos, e no cotidiano em geral, com a proibição de se falar idiomas estrangeiros em público. Jovens descendentes de estrangeiros foram recrutados para o Exército e foram criados entraves às organizações

¹⁰ Relatório de Schmidt-Elskop. Deutsche Gesandtschaft. Deutschtum. Anlage 3. 25 abr. 1935. AA/B, Alemanha.

comunitárias culturais. Com a entrada do Brasil na Guerra, em 1942, os ânimos contra as comunidades de alemães, italianos e japoneses se exaltariam ainda mais.¹¹

Mesmo que muitas idéias e hábitos de tal germanidade tivessem sido preservados ao longo de gerações, havia grande resistência ao nazismo da parte dos descendentes. Alguns se diziam nacionalistas e, ao mesmo tempo, leais ao governo brasileiro. Além disto, se recusavam a seguir a liderança dos alemães integrantes do partido, a partir do seguinte pressuposto: “Nós nada temos contra o nazismo, apesar de não quisermos que nossos jovens sejam “guiados” por estranhos. Queremos nós mesmos os guiar e realizar nossas festas”.¹²

Haveria, portanto, uma certa dificuldade para os colonos — que até então haviam vivido sob um regime liberal — incorporarem os valores da “nova Alemanha”, como o país passou a ser chamado na época do III Reich. Esta foi a opinião de Elskop, o enviado alemão ao Brasil, que afirmou também que os alemães e descendentes estabelecidos no Brasil desenvolveram um novo sentimento no lugar do tradicional *Deutschtum*, que seria o *Deutsch-Brasilianness* (germanismo brasileiro ou abasileirado). Suas características, além da estranheza aos integrantes do partido, seria a reivindicação para participar da política local. Os adeptos do “germanismo brasileiro” queriam eleger governantes que protegessem seus interesses. Isto viria contra a política da não-interferência na política local, umas das premissas instituídas pelo partido exterior.¹³

Para a resistência dos teuto-brasileiros se transformar em conflito aberto não demoraria muito. Ao observar tal tensão no ar, as autoridades alemãs tanto no Brasil quanto na Alemanha se preocuparam em encontrar soluções viáveis. Uma delas foi confiar na competência e no espírito de conciliação de Hans Henning von Cossel, o chefe do partido nazista no Brasil. A outra seria formar uma associação exclusiva para os teuto-brasileiros, que pretendia formar personalidades da colônia alemã que se destacassem no contexto político brasileiro, como foi o caso dos irmãos Konder.¹⁴

Especificamente na região Sul, com a chegada dos representantes do partido nazista local na década de 1930, foi palco de grandes conflitos. Muitos dos alemães que moravam nestes estados já estavam entre a 2ª e a 3ª geração e, por isto, eram chamados de *Volksdeutsche* (alemães do povo) em comparação com os *Reichsdeutsche* (alemães de sangue). Os *Volksdeutsche* não podiam entrar no partido nazista. Os *Reichsdeutsche* eram, em sua maioria, jovens e radicais, e se sentiam intimamente superiores pela questão da cidadania

¹¹ *Ibidem*.

¹² Relatório de Schmidt-Elskop. Deutsche Gesandtschaft. Deutschtum. Anlage 3. 25 abr. 1935. AA/B, Alemanha.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ Adolfo Konder foi governador de Santa Catarina entre 1926 e 1930. Victor Konder foi ministro da Viação do governo Washington Luís. *Ibidem*.

e por se sentirem “incumbidos pelo Führer da missão de desenvolver o partido em terras distantes”.

Os *Volksdeutsche*, há tempos instalados no chamado “País de hospedagem”, não aceitavam a liderança destes jovens. Muitos deles, principalmente no estado de Santa Catarina, mesmo sendo, em sua grande maioria, fiéis admiradores do regime de Hitler, escolheram militar nas fileiras de outra facção política, a do partido integralista, causando desconforto à matriz do partido na Alemanha.

Nos estados do Sul, houve diferenças na recepção e no acolhimento dos grupos locais do partido nazista pelas autoridades locais. Em Santa Catarina, houve uma oposição marcante vinda, principalmente, dos interventores Aristiliano Ramos (1933-1935) e seu primo Nereu Ramos (1935-1945), este último responsável por uma série de nacionalizações em escolas e associações alemãs.¹⁵ Enquanto isso, os interventores do Paraná, Manoel Ribas, e do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, apoiaram a difusão do chamado germanismo e as manifestações pró-nazistas.

Um dos conflitos registrados foi, por exemplo, entre o partido nazista, a Frente de Trabalho Alemã — DAF — e o Centro Agrícola na colônia Cruz Machado, localizada próxima a Curitiba (PR). Ocupados em proteger e preservar os interesses dos alemães e teuto-brasileiros, seus papéis acabaram por se chocar. Após algumas negociações, ficou estabelecido que o partido nazista, juntamente à DAF, se responsabilizariam pela esfera do político, enquanto o Centro Agrícola cuidaria dos interesses econômicos e culturais.

Tais divisões estanques não solucionaram os problemas de divisão de tarefas. Sempre que possível, o partido nazista reivindicava ações na esfera cultural, ao que o Centro Agrícola discordava. O centro argumentava que não seria possível que o partido cuidasse destas questões uma vez que os colonos se sentiriam melhor em uma organização brasileira. Mas, mesmo assim, o centro admitiu que houvesse uma tentativa de trabalho em conjunto com o partido, tolerando a presença de um partidário na direção do centro. Os colonos — em carta aberta à liderança do círculo local do partido — reclamavam da presença e interferência do partido: “Nós somos gente da terra, que duramente ganha seu pão e existência (...) temos todos a dura batalha pela preservação da raça e da língua. Além da política, nós precisamos trabalhar aqui (...)”.¹⁶

Na região sudeste, São Paulo foi o maior grupo nacional do partido, fato que pode ser explicado pela grande colônia de alemães de nascimento. Pode ser considerado também o

¹⁵ <http://www.sc.gov.br/conteudo/santacatarina/historia/paginas/governadores.html>

¹⁶ Carta aberta de Cruz Machado à liderança do partido nazista. Ata R127503. 16 set. 1937. AA/B, Alemanha.

grupo de maior importância devido a presença da sede nacional do partido¹⁷ e do seu chefe máximo Hans Henning von Cossel, da publicação do *Deutscher Morgen* e da expressividade das organizações nazistas, desenvolvidas em diversas células e instituições.¹⁸

A imigração para São Paulo, estado considerado — já na década de 1930 — como importante pólo econômico e industrial, atraiu mão-de-obra técnica qualificada estrangeira. Muitos alemães, desiludidos com a crise que se instaurava na Alemanha com o fim da I Guerra Mundial e o estabelecimento da República de Weimar, emigraram para outros países, inclusive para o Brasil. Mais tarde, com a ascensão ao nacional-socialismo, este grupo de alemães recém-imigrados se juntaram em torno dos ideais nazistas constituindo o partido em território paulista. Isto se deu até mesmo antes de Adolf Hitler se tornar chanceler alemão, em 1931.¹⁹

Outro pólo importante do partido foi o Rio de Janeiro. Sua importância se deu não só pelo expressivo grupo do partido que lá se desenvolveu (apenas atrás numericamente de São Paulo e Santa Catarina), mas também por ser a capital federal e centro irradiador da política nacional e sediar a Embaixada Alemã. As festas nazistas, a organização de células do partido em bairros cariocas, a difusão de idéias anti-semitas nos periódicos de linha nacional-socialista — tudo isto aconteceu — sem repressão ou controle das autoridades nacionais pelo menos até 1938 — na capital brasileira da época.

A historiografia sobre os germânicos no Brasil subestima a presença de alemães no Norte e Nordeste do País. No entanto, não só havia uma colônia expressiva alemã em alguns estados destas, como é o caso da Bahia e em Pernambuco, como também apareceram, na década de 1930, grupos, círculos, pontos de apoio e células do partido nazista.

A presença mais significativa foi na Bahia e em Pernambuco, mas o estado do Pará apareceu como um dos primeiros grupos do partido no Brasil. A lógica permaneceu a mesma: em todo o território brasileiro, nas regiões onde houvesse colônias rurais de alemães, havia também representantes do partido nazista.

Em Manaus, por exemplo, existe o registro da colônia Tomé Guaçu. Apesar de o estado do Amazonas contabilizar o pequeno número de quatro partidários, houve uma importante expedição na região, em 1936, de cientistas nazistas que queriam pesquisar a flora e fauna local.

¹⁷ A partir de 1934, antes a sede era no Rio de Janeiro.

¹⁸ Para Luís Moraes, no entanto, o grupo de maior importância era o da Capital Federal, Rio de Janeiro. MORAES, Luís Edmundo S. M. *Konflikt und Anerkennung: Die Ortsgruppen der NSDAP in Blumenau und in Rio de Janeiro*. Berlim, 2001. Tese (História social) – Zentrum für Antisemitismusforschung. Technische Universität zu Berlin.

¹⁹ Sobre o partido nazista em São Paulo, ver: DIETRICH, 2001, op. cit.

Na região da Bahia ou em Pernambuco, percebe-se traços de tropicalização deste nazismo. Ao mesmo tempo em que comemoravam o aniversário de Hitler, o 1º de maio, e festas do calendário nazista, havia espaço para a comemoração da brasileira Festa de São João, com direito a fogueira e canjica.

Na região Centro-oeste, temos a presença do partido nazista apenas nos estados de Goiás e Mato Grosso. Neste último estado, registrou-se, na época, a presença de 426 alemães. Destes, apenas 31 faziam parte da célula local do partido. Em Goiás, somam-se 284 alemães com apenas 23 partidários.

A grande maioria destes germânicos se concentrava na colônia Uvá, no norte do estado de Goiás. Tal colônia foi fundada com incentivo do governo local, em 1924, especialmente para colonizar esta parte do Brasil. Esta região era a menos desenvolvida do estado, com grande instabilidade social e presença do banditismo dos jagunços. Nesta época, a população de Goiás era de um pouco mais de 500 mil habitantes.

Segundo artigo publicado na revista *Deutschtum im Ausland*, de autoria de Franz Zwick, logo depois do fim da I Guerra Mundial, o governo de Goiás incentivou um processo de colonização alemã no norte do estado.²⁰ Teria sido a primeira experiência de imigração européia incentivada na região Centro-oeste, até então pouco povoada, e com suas atividades concentradas na agricultura e pecuária, além da extração de ouro e diamantes.

Antes da chegada dos germânicos, já estavam instaladas em Goiás duas colônias pequenas de imigrantes italianos e japoneses. Elas ficavam no sul do estado, próximas às fronteiras com Minas Gerais, o que, para Zwick, se constituía uma vantagem, pois a comunicação era bem melhor com o Sudeste do país. Mas, reclamou Zwick, a região do sul do estado não havia sido ofertada aos alemães. Também na região da cidade de Caldas Novas havia alguns teutos que se dedicaram à criação de porcos, mas suas atividades não tinham prosperado em virtude do solo pedregoso. Outras terras, como a do platô nesta mesma região, teriam sido melhores escolhas, mas elas pertenciam ao governo.

Sobre o partido nazista no Mato Grosso, não encontramos registros de mais detalhes, a não ser anúncios publicados no jornal *Deutscher Morgen* estimulando os imigrantes alemães a irem para colônia Tannenberg, pela Cia. de Viação São Paulo — Mato Grosso. Segundo o anúncio, havia nesta colônia “solo frutífero” para todas as culturas: farinha, arroz, batata e plantas de fibra. Outra vantagem; seria a abundância de madeira.²¹

²⁰ Aus der Staate Goyaz in Brasilien – Zukunftsaussichten der detusche Kolonie Uvá- Die neue Staatshauptstadt Goyanea. Revista *Deutschtum im Ausland*, 1937. IFA/S, Alemanha.

²¹ *Deutscher Morgen*, 1934. IFA/S, Alemanha.

A estruturação do partido no Brasil aconteceu no contexto de regiões brasileiras bastante heterogêneas. Mesmo abordando algumas questões regionais, ficará em aberto para futuros trabalhos a análise pormenorizada da história de cada núcleo regional do partido.²² O objetivo, no nosso caso, é traçar um panorama nacional, centrado na problemática do nazismo tropicalizado no Brasil.

²² Alguns projetos já estão em desenvolvimento. É o caso da história da partido nazista no Paraná e no Rio Grande do Sul. SILVA, Micael A. *Triplíce fronteira: preconceito e repressão no Estado Novo*. Projeto do Programa Uniamérica de Iniciação Científica – PRUIC. Faculdade União das Américas / PR. Orientador: Blasius Silvano Debal. CAMPELO, Tais. *Cortando as asas do nazismo: a Polícia Política no Rio Grande do Sul*. Projeto de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.